

REDESCOBRIMENTO Grupo indígena dança para o presidente em abertura de megaexposição sobre os 500 anos

Índio entrega carta a FHC com críticas

LUIZ CAVERSAN
 da Reportagem Local

O presidente Fernando Henrique Cardoso recebeu ontem uma carta com críticas de índios xavantes e mehinakus. A carta foi entregue a FHC logo após os índios, oriundos de duas aldeias de Mato Grosso, terem dançado para o presidente brasileiro e para o de Portugal, Jorge Sampaio, na abertura da Mostra do Redescobrimento, megaexposição de arte que se realiza em comemoração dos 500 anos do Brasil.

A carta, que foi entregue ao presidente com uma fita de vídeo, um livro e um CD, é basicamente um arrazoado sobre a situação das populações indígenas do país e contém a afirmação segundo a qual os índios "não estão comemorando nada".

"Esta não é a nossa comemoração", diz o texto, assinado pelos índios Suptó, xavante, e Ciucartec, mehinaku, e distribuído pela ONG Instituto de Desenvolvimento das Tradições Indígenas.

Em tom cordial, no entanto firme, a carta ressalta que os índios compareceram à cerimônia "sem rancor e sem raiva", mas alerta que os territórios demarcados para os indígenas "continuam sendo ameaçados pelos projetos de desenvolvimento que não levam em consideração nosso pensa-

mento e nossa vida".

A carta afirma também que "o povo brasileiro não conhece o povo indígena. Vocês não sabem quem somos e nunca entraram em nossas casas com respeito para compartilhar nossa sabedoria e amizade".

Termina afirmando que os índios estavam ali para realizar "um ritual de passagem para transformar este lugar num país onde nosso povo possa viver".

O presidente não leu a carta, entregue primeiramente ao presidente da associação provedora da mostra, Edemar Cid Ferreira. FHC nem viu direito os demais objetos entregues, passando-os à sua assessoria.

FHC, que não estava acompanhado de sua mulher, Ruth, teve que esperar por dez minutos por Sampaio, que estava atrasado.

Eles então assistiram à apresentação dos 46 índios, que durou cerca de cinco minutos, e subiram ao segundo andar do prédio, para uma visita ao original da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, noticiando a Descoberta do Brasil. A visita à carta também durou pouco, cinco minutos.

Em seguida, os presidentes mais o governador Mário Covas (PSDB), descerraram placa comemorativa do evento e se retiraram, sem visitar a exposição, que é composta de mais de 15 mil obras de arte.

Colaborou Fábio Cypriano, da Reportagem Local



FHC, a primeira-dama portuguesa, Maria José Rita, e o presidente de Portugal, Jorge Sampaio (atrás do cocar indígena), ontem

Mostra é inventário do país

da Reportagem Local

Se você tem motivos para comemorar os 500 anos do Brasil ou, ao contrário, acredita tratar-se de um equívoco tal festividade diante de todas as mazelas por que passa o país, não importa: a visita à Mostra do Redescobrimento, que abre ao público amanhã no Ibirapuera, é imperdível, obrigatória, necessária. Isso se aplica a quem quer conhecer a identidade artístico-cultural do Brasil ou a quem a conhece, bem ou mal, e quer reafirmar, rever, ampliar conceitos já estabelecidos.

Índios, negros, brancos, cafusos e confusos. Esclarecidos, consagrados e anônimos: estão todos de alguma maneira representados e, portanto, é altamente democrático o teor da maior exposição jamais realizada no Brasil. Na exposição figuram não apenas a arte e os artistas brasileiros, mas também os registros de estrangeiros que por aqui estiveram nesses últimos cinco séculos e deixaram suas visões sobre o local.

O resultado disso tudo, claro, é uma profusão de imagens: projetadas em alta definição, reproduzidas em objetos de arte popular, estampadas em óleo sobre tela e com as assinaturas mais famosas, escavadas na madeira, na pedra ou no ferro, moldadas, gravadas, estampadas ou construídas na forma de objetos diversos, de um manto a um oratório ou a um

pseudo-helicóptero.

Porque o que está sendo exibido é toda uma cultura. Um patrimônio nacional vasto, disseminado por um longuíssimo espaço de tempo: da pré-história à pós-modernidade brasileira.

De desenhos das cavernas e cerâmicas marajoaras às instalações de Hélio Oiticica e às fantásticas indumentárias delirantes do visionário Bispo do Rosário. Passando por Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi, Cândido Portinari...

Dá para sentir orgulho diante de tesouro tão amplo e valioso, mas o sentimento que emerge com mais força quando se percorre os três pavilhões criados por Oscar Niemeyer e que alojam a mostra é a surpresa: como nós conhecemos tão pouco de toda essa multiplicidade estética!

Para quem se interessar de verdade em conhecer mais sobre a arte produzida nos 500 anos, a exposição de toda essa brasilidade merecerá visita exaustiva e com certeza exigirá duas ou três idas idas ao parque. Afinal, são mais de 15 mil obras, espalhadas ao longo de mais de 50 mil m². Ou seja, o equivalente ao espaço ocupado pelo Louvre, em Paris.

Sim, pode parecer mais uma daquelas situações superlativas de que o brasileiro tanto gosta.

Mesmo que o sentimento seja esse, não deixe de ir: seria uma lacuna cultural imperdoável. (LC)

Seguranças dificultam visitas

da Reportagem Local

A grandeza dos números da Mostra do Redescobrimento, inaugurada ontem no parque Ibirapuera com as presenças dos presidentes Fernando Henrique e Jorge Sampaio, de Portugal, pode impressionar qualquer um. Foram alardeados um orçamento de R\$ 40 milhões, uma estimativa de visita de 1,5 milhão de pessoas só na cidade de São Paulo e cerca de 15 mil obras em exposição, mas quem compareceu ontem à abertura oficial do evento deve ter saído desapontado.

A visita ao Pavilhão da Bienal, por exemplo, foi bastante dificultada pelos seguranças de plantão. O artista Rubens Gerchmann, por

exemplo, que está na mostra de arte contemporânea com a obra "O Rei do Mau Gosto", podia ser visto aguardando a boa vontade do segurança.

Parece que a organização do evento não contava com o interesse dos convidados nos módulos "Arte Contemporânea", "Arte Moderna", "Barroco", "Século 19", "Imagens do Inconsciente" e "Olhar Distante", locados naquele espaço; já que às 22h de ontem vários funcionários ainda trabalhavam no local. Alguns ainda finalizavam reparos no módulo "Olhar Distante". Vale lembrar que não estava prevista nenhuma visita do presidente Fernando Henrique ao local.

Dentro, os problemas também

existiam. O espaço não contava com qualquer sinalização para facilitar a vida do visitante e o módulo "Barroco", por exemplo, era um verdadeiro labirinto.

Apesar das iluminação especial criada para a exposição, faltou luz no parque Ibirapuera. Por duas vezes, a iluminação na marquise em frente ao MAM e na Pinacoteca ficou sem funcionar.

Mas o pior ocorreu em frente a Oca, onde não havia luz e o porteiro precisava ajudar os visitantes com um farolete. A iluminação do parque é responsabilidade da prefeitura, que, segundo apurou a Folha, mesmo informada, não tomou providências. O prefeito Celso Pitta não compareceu à abertura. Ainda na Oca, o crânio

de Luzia foi retirado por não ter proteção nem segurança.

Quem conseguia entrar no local surpreendia-se com o que via. Como Richard Haas, diretor do Museu de Antropologia de Berlim, que trouxe em mãos onze peças do museu. "É incrível reunir peças de tantos museus". Ele diz que nunca viu uma mostra tão abrangente de arte indígena brasileira.

A Mostra do Redescobrimento será aberta para o público amanhã, às 14h. O evento abre de terça a sexta, das 14h às 22h, e sábados, domingos e feriados, das 9h às 22h. Os ingressos podem ser comprados no local ou pelo tel. 0800-780500.

(CELSO FIORAVANTE e FÁBIO CYPRIANO)

Obras do séc. 19 são expostas ao sol

especial para a Folha

O segmento "Arte do Século 19", da Mostra do Redescobrimento, apresenta problemas de conservação de algumas das obras brasileiras mais importantes desse período, emprestadas de acervos de vários museus do país.

Instaladas no piso térreo do Pavilhão da Bienal, as telas não contam com proteção contra os raios

solares que passam pelas paredes de vidro do prédio.

Entre a luz solar e os quadros há apenas o cenário, feito de tecidos de pano branco translúcido, que permite a passagem e a incidência de luz e de calor diretamente nos quadros.

Desde sexta-feira, quando foram colocadas no piso térreo da Bienal, obras que representam a última etapa do segmento (sobre

a passagem do Império para a República), como "Paz e Concórdia", do acervo do Museu do Itamaraty, no Rio, e "Tiradentes Esquartejado", do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora (MG), ambas de Pedro Américo, estavam frontalmente expostas ao sol.

Entre os problemas que a incidência direta de raios solares em óleo sobre tela pode causar estão a diminuição da intensidade das

cores das obras e rachaduras, causadas pelo ressecamento da tinta.

Segundo Luciano Migliaccio, curador do segmento "Arte do Século 19", a organização pretende colocar nas paredes de vidro do Pavilhão da Bienal, até amanhã, dia da abertura oficial da mostra para o público, filtros que bloqueiam a entrada de raios ultravioleta e infravermelhos.

(ALVARO MACHADO)